Epafrodito

I

O coração paternal — dever-se-ia dizer maternal — de são Paulo se revela de novo na carta aos cristãos de Filipos. Vê-lo-emos depois de citar a passagem que diz respeito a Epafrodito.

De sua prisão, de Roma, o grande Apóstolo escreve:

> *Entretanto julguei necessario remetter-vos Epafrodito, meu irmão, e coadjutor, e companheiro, e vosso apostolo, e que me tem assistido nas minhas necessidades: pois que elle vos desejava por certo ver a todos: e tinha pena de que vós tivesséis noticia da sua doença. Porque elle com effeito esteve mortalmente enfermo: mas Deos se compadeceo d'elle, e não sómente d'elle, mas ainda tambem de mim, para que eu não tivesse afflicção sobre afflicção.*

II

> *Por isso me dei mais pressa a remettello, para vos dar o renovado gosto de o ver, e tirar-me a mim mesmo da pena. Assim que recebei-o com todo o genero de alegria no Senhor, e tratai com honra a humas taes pessoas. Porque pela obra de Christo chegou ás portas da morte, arriscando a própria vida por suprir com a sua assistencia aquella, que vos não era possivel fazer no meu servício.*

III

Para bem compreender essa carta aos Filipenses, bem como a ternura de são Paulo por eles e em particular por Epafrodito, convém retomar as coisas de mais alto.

São Paulo, acompanhado de Timóteo, acabava de evangelizar a Mísia e a Tróade quando teve uma visão durante a noite.

Um macedônio lhe apareceu e lhe disse: *«Passai à Macedônia e socorrei-nos.»* Dócil ao apelo da graça, o grande Apóstolo dirigiu-se logo à Macedônia.

IV

A capital dessa província era Filipos, assim chamada do pai de Alexandre Magno, que a restaurara e embelezara. São Paulo ali pregou com grande êxito, e os cristãos de Filipos se distinguiram, entre todos, por seu apego filial a seu Pai na fé.

V

Sabendo que são Paulo estava preso em Roma, enviaram-lhe, para consolá-lo, Epafrodito, seu bispo, encarregado de numerosas esmolas. Chegado a Roma, Epafrodito caiu perigosamente doente. Assim que se restabeleceu, são Paulo, esquecendo-se de si mesmo, o devolveu a seus caros filhos de Filipos. Atendia assim aos votos deles e aos de Epafrodito.

VI

A carta de que o encarregou foi, pois, escrita em Roma no ano 60 de Nosso Senhor, segundo ano da prisão de são Paulo. Do mesmo ano são as cartas aos Colossenses, aos Efésios e a Filêmon. Todas trazem à frente o nome de Timóteo, que, antes do inverno, viera reunir-se a seu ilustre mestre.

VII

Vê-se que se trata aqui do primeiro cativeiro de são Paulo, e não do segundo, que só teve lugar no décimo quarto ano do reinado de Nero. A prova é que, nessa carta aos Filipenses, o Apóstolo diz que ainda não morrerá, mas que viverá para vantagem dos fiéis:

> *sei que ficarei, e permanecerei com todos vós, para proveito vosso, e gozo da fé.*

Logo, são Paulo devia ser libertado de sua primeira prisão, ao passo que a segunda devia ser para ele o vestíbulo do martírio.

VIII

Levar a são Paulo prisioneiro socorros em dinheiro da parte dos cristãos de Filipos e assisti-lo pessoalmente em nome deles, tal era a missão de Epafrodito. O santo bispo desempenhou-a dedicando-se a grandes fadigas e expondo-se a grandes perigos, o que lhe causou uma doença que o reduziu à extremidade e o obrigou a permanecer longo tempo em Roma.

Tendo a notícia de sua doença chegado aos filipenses, ficaram muito aflitos. Por isso, quando se restabeleceu, são Paulo se apressou, como foi dito, a devolvê-lo ao meio de seu bem-amado rebanho; mas, ao devolvê-lo, faz-lhe o elogio.

IX

Chama-o seu irmão, por causa da terna afeição que lhe tem; seu coadjutor, porque Epafrodito partilhara corajosamente os trabalhos do Apóstolo, que, de sua prisão, não cessava de trabalhar na pregação do Evangelho; seu companheiro de armas, porque se associara, com risco da saúde e da vida, ao grande combate empreendido pelo Apóstolo das nações contra as formidáveis potências dos homens e dos demônios, usurpadores do mundo, que se tratava de devolver a Jesus Cristo, seu legítimo senhor.

X

De volta a Filipos, Epafrodito ali permaneceu até a morte? Segundo uma tradição consagrada por Metafrasto, Lipomano e Surio, são Pedro o retirou de Filipos e o fez bispo de Terracina.

Conforme essa tradição, o antigo Martirológio Romano se exprime assim, a 22 de março:

> *Em Terracina, Epafrodito, discípulo dos Apóstolos, que foi ordenado bispo dessa cidade por são Pedro.*

Sobre essa tradição, Barônio faz a seguinte observação: crê que houve três santos bispos desse nome: um que foi bispo de Adriana, na Síria; outro de Terracina, e outro de Filipos; a menos, diz, que o mesmo tenha sido transferido a essas três sés diferentes: o que não pensamos: *quod non putamus*.

XI

O capítulo III da carta aos Filipenses contém um versículo que pede explicação, hoje sobretudo.

> *Porque muitos andão — diz o grande apóstolo —, de quem outrás vezes vos dizia, (e agora tambem o digo chorando) que são inimigos da cruz de Christo: cujo fim he a perdição: cujo Deos he o ventre: e a sua gloria he para confusão d'elles, que gostão só do que he terreno.*

XII

Por esses inimigos da cruz, são Paulo designa os heréticos de seu tempo, como Simão, o Mago, Cerinto, Basílides e outros. Todos eram inimigos da cruz, no sentido de que, negando a divindade de Nosso Senhor crucificado, sua cruz não tinha valor algum. Era solapar o cristianismo pela base: são Paulo o compreendeu.

XIII

Daí, em todas as ocasiões, o elogio que faz da cruz, de seu poder e de sua glória. Essa heresia se espalhara não somente na Judeia, mas ainda na Ásia, na Macedônia e na Grécia, bem como em Roma, onde Simão, o Mago, ganhara partidários.

Daí vem ainda que todos os primeiros Padres do Oriente e do Ocidente não cessam de recomendar aos cristãos que protestem contra os heréticos, prestando à cruz toda sorte de honras e sobretudo fazendo com frequência, muita frequência, o sinal da cruz.

XIV

Em nosso tratado *O Sinal da Cruz no século XIX* são referidas tanto as principais passagens dos Padres quanto o religioso costume dos primeiros cristãos de fazer, a cada instante, o sinal da cruz.

As palavras de são Cirilo, bispo de Jerusalém, são tão preciosas que merecem ser citadas.

> *Não nos envergonhemos de confessar o Crucificado. Ao contrário, que nossa mão imprima com confiança o sinal da cruz em nossa fronte; que esse sinal seja impresso em todos os outros objetos, no pão que vamos comer, no vinho que vamos beber; ao sair, ao entrar; antes do sono, ao deitar-nos, ao levantar-nos, ao caminhar, ao repousar.*

XV

> *É uma guarda poderosa, gratuita por causa dos pobres, fácil por causa dos enfermos; é o dom divino, o sinal dos fiéis, o terror dos demônios. Foi por ela que foram vencidos. Mostrai-lhes corajosamente esse sinal. Quando o veem, lembram-se do Crucificado e temem Aquele que quebrou a cabeça do Dragão, seu chefe.*

XVI

O sinal da cruz sempre foi de uso frequentíssimo na Igreja católica. Ela nele perseverará sempre até o reinado do Anticristo. Entre os meios de sedução que empregará para estabelecer seu domínio, proibirá fazer o sinal da cruz. É o que anuncia o mártir santo Hipólito em seu livro *Do fim do mundo*.

Pelo que se passa em nossos dias, pode-se julgar que o reinado do Anticristo não está distante. Com efeito, metade da Europa já não faz o sinal da cruz. Muitos católicos já não o fazem. Nada será mais fácil ao Anticristo do que proibi-lo de todo: *Ex his intelligere, lector, potes, ipsum jam appropinquare, qui nunc operatur in filios diffidentiæ* (

> *Por estas coisas podes compreender, leitor, que já se aproxima aquele que agora opera nos filhos da desconfiança*

). Pensemos nisso.[12]

Notas

[1] Ver: Cor. a Lap., *in c. 2 et 3 ad Philipp.*; *Martyrol. Rom.*, 22 mars; M. Maistre, p. 224; Metaphraste, *Ser. in Nat. App.*, 29 junii; Bar., an. 60, n. 2, 8, etc.

[2] Bar., an. 60, n. 9.

Revision #1
Created 27 November 2026 01:05:54 by Admin
Updated 27 November 2026 01:05:54 by Admin